

O retrato do Brasil no relato da viagem de Spix e Martius

Willi Bolle (Universidade de São Paulo)

O relato *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*, do zoólogo Johann Baptist von Spix e do botânico Carl Friedrich Philipp von Martius, pode ser considerado o livro mais importante em língua alemã sobre este país. A edição alemã, em três volumes e com cerca de 1.400 páginas, foi publicada entre 1823 e 1831. A versão mais recente da tradução foi reeditada em 2017. Em cada um dos volumes é descrita e ilustrada por meio de mapas uma das três grandes etapas da viagem: 1) O percurso pela região Sudeste: do Rio de Janeiro a São Paulo, e de lá, até Ouro Preto e Diamantina. 2) A travessia dos sertões: do norte de Minas Gerais até Salvador e, em seguida, pelo noroeste da Bahia, parte de Pernambuco e o Piauí até São Luís do Maranhão. 3) A expedição pela Amazônia: de Belém a Manaus e de lá, até as fronteiras com a Colômbia e o Peru.

A obra de Spix e Martius não é organizada em função de uma descrição sistemática do país, como o fez Alexander von Humboldt no seu livro sobre o México (1811), mas a composição acompanha o percurso topográfico e cronológico da viagem. Assim, para se obter um *retrato* do Brasil, ele tem que ser extraído do *relato* – o que exige uma reorganização sistemática dos materiais e a inclusão de informações complementares. As gravuras de paisagens, os flagrantes da vida da população e os retratos de indígenas, que se encontram no “Atlas” de imagens que acompanha o relato, acrescentam a este uma qualidade estética. E o livro *Flora Brasiliensis*, de Martius, contém gravuras exemplares de biomas.

Para montar este retrato do Brasil vou recorrer ainda a algumas outras fontes. 1) O caderno da **exposição itinerante**, patrocinada pelo Instituto Martius-Staden, sob a diretoria de Eckhard Kupfer, e que organizei em 2018, juntamente com a historiadora Karen Lisboa, por ocasião do bicentenário da viagem de Spix e Martius. 2) Os **três filmes documentários** que Kupfer, eu e os cineastas Felipe Delfino e Gustavo Tonetti produzimos em 2017, 2018 e 2019, quando refizemos três segmentos da expedição de Spix e Martius: o percurso de Ouro Preto a Diamantina; uma travessia do Sertão; e uma expedição pela Amazônia. Nosso objetivo principal foi observar *in loco* as continuidades e as mudanças ocorridas durante esses 200 anos. Os filmes estão disponíveis no youtube. 3) A viagem de Spix e Martius foi também o tema das duas últimas edições do **Anuário do Instituto Martius-Staden**: o n. 62 (2018) trata da *Viagem pelo Brasil* no seu conjunto, e o n. 63 (2020) focaliza a Amazônia.

Vamos lembrar ainda o **contexto histórico** da viagem dos dois pesquisadores. Eles vieram para o Brasil por ocasião do casamento da princesa Leopoldina de Habsburgo com o futuro Imperador, D. Pedro I. Integraram uma comitiva de pesquisadores austríacos e bávaros, sendo que Spix e Martius realizaram suas pesquisas a serviço da Academia de Ciências da Baviera.

Iniciamos agora o retrato do Brasil. O primeiro dos nossos dois eixos temáticos são **os biomas**, ou seja, conjuntos de geografia física com características específicas de relevo, clima e vegetação. Martius foi pioneiro na descrição dos biomas: Dos seis biomas do Brasil, descreveu os quatro mais importantes. Estes correspondem, *grosso modo*, às principais **regiões** do país: Sudeste, Brasil central, interior do Nordeste e Amazônia. Complementarei os dados da geografia física com informações sobre o uso econômico

dos biomas ou regiões – pela agricultura, pecuária e atividades de colheita –, acrescentando alguns retratos de moradores e observações sobre a cultura.

O bioma inicial é a **Mata Atlântica**, ilustrada por Martius com gravuras da floresta primitiva, que mostram a variedade e a exuberância da vegetação tropical. Já em outras gravuras, sobretudo de plantações de café, se vê como, em muitos lugares, a floresta primitiva foi extinta. Uma justaposição de dois mapas documenta o desmatamento da Mata Atlântica pelas atividades humanas, nestes últimos 200 anos.

Um prenúncio do bioma seguinte, o **Cerrado**, são os campos gerais na província de São Paulo. A fisionomia típica do Cerrado aparece numa gravura das matas de Minas Gerais. Em vários lugares desse estado podemos verificar uma continuidade dessa vegetação. Desse bioma fazem parte também as veredas, os cursos de água acompanhados de palmeiras buriti. Estou inserindo alguns retratos de sertanejos e sertanejas do oeste de Minas, e fotos de um sítio de agricultura familiar e de uma fazenda de gado. Há também lugares onde a vegetação do Cerrado foi substituída por extensos eucaliptais ou por campos de cultivo em larga escala. A expansão descontrolada dessas formas do agronegócio tem acarretado uma séria falta de água na região.

No bioma da **Caatinga**, retratada por duas gravuras de Martius, a vegetação característica são os cactos. Numa caminhada pela caatinga, em 2018, passando por mandacarus e xique-xiques, observamos a continuidade dessa fisionomia. Os dois biomas Cerrado e Caatinga ocupam no Brasil um lugar central – não apenas em termos de geográfica física, mas também de geografia humana e história. A caatinga da Bahia tornou-se o palco da Guerra de Canudos (1896/1897), descrita por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902), que se tornou o livro matricial do gênero retratos do Brasil. O legado dessa obra foi retomado de forma inovadora por João Guimarães Rosa no romance *Grande Sertão: Veredas* (1956). Ao refazer o percurso de Spix e Martius fomos conhecer o lugar de peregrinação Monte Santo que, na campanha de Canudos, foi o quartel-general do Exército nacional. E na nossa viagem pelo sertão de Minas Gerais verificamos que existem afinidades topográficas entre o percurso de Spix e Martius e a travessia de Riobaldo, o protagonista narrador do romance de Guimarães Rosa. Com tudo isso, o estudo do relato dos dois viajantes alemães nos incentiva a reler esses retratos exemplares do Brasil que são *Os Sertões* e *Grande Sertão: Veredas*.

O quarto e último bioma é a **Floresta Amazônica**. Uma gravura da paisagem no Arquipélago do Pará apresenta a exuberante natureza na zona equatorial; e uma outra, um igapó, que é a mata à margem dos rios, que é alagada no período da cheia. Na Amazônia é praticada a extração de produtos da selva, como ilustro com algumas fotos recentes do “Caminho do Açaí”, mostrando a colheita, a debulha dos frutos e seu transporte para a Feira do Açaí em Belém. Spix e Martius retrataram também as ilhas arenosas ao longo do rio Amazonas; no Solimões, eles observaram a escavação dos ovos de tartaruga e o preparo da manteiga.

Vamos agora para o segundo eixo temático deste retrato do Brasil, que são as principais **idades**. Na capital **Rio de Janeiro**, Spix e Martius chegaram no dia 15 de julho de **1817**, permanecendo ali durante quase cinco meses. A cidade tinha para eles um aspecto europeu, quanto as edificações, os costumes da classe alta e a disponibilidade de produtos do mundo inteiro. Mas havia também um outro lado: “a turba de negros e mulatos”, os operários, “homens brutos e seminus”, cuja presença feriu a sensibilidade

dos europeus. A partir de **1808**, com a fuga da Corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, ocorreram profundas transformações: a reorganização da administração, a fundação do Banco do Brasil, o início de atividades manufatureiras e industriais e a abertura dos portos. Com isso, se preparava “**a transição do Brasil, de uma colônia dependente para um reino autônomo**”. A população da cidade, aumentada por muitos imigrantes europeus, era de 110.000 habitantes. O **comércio** estava florescendo. Pelas estradas se fazia um intenso comércio com as províncias do interior, e o porto do Rio de Janeiro era a escala-depósito para os outros portos ao longo da costa. A principal fonte de riqueza da capital era o comércio com o exterior, sendo o valor das exportações maior que o das importações. Os principais artigos de exportação eram açúcar, café, algodão, couros de boi e tabaco. Quanto ao **estado de civilização**, os viajantes observaram que a classe alta estava mais interessada na fruição do luxo que na dedicação às ciências e às artes. Existia uma biblioteca pública, mas era pouco usada. No Brasil inteiro havia apenas dois jornais. As instituições de ensino eram poucas e restritas aos filhos da classe alta. Havia uma Academia de Belas Artes e uma Escola de Medicina, mas faltava uma Universidade.

A cidade de **São Paulo**, na qual Spix e Martius passaram apenas nove dias, tinha naquela época pouco mais de 30.000 habitantes. Havia atividades manufatureiras, mas eram modestas. Uma inovação foi a fábrica de fuzis, operada por mestres alemães. Como uma das qualidades dos paulistanos, os viajantes destacaram a disposição para os estudos. Perto de Sorocaba, visitaram a fábrica de Ferro de Ipanema. Sua avaliação da província de São Paulo foi otimista, e suas previsões sobre a dinâmica populacional e econômica se confirmaram.

A próxima etapa foi **Vila Rica** (nome antigo de **Ouro Preto**). As grandes descobertas de ouro levaram em 1698 à fundação dessa vila, que era capital da província de Minas Gerais e, na época, contava com 8.500 habitantes. A rica produção de ouro, de pedras preciosas e ferro atraiu uma numerosa população para as cidades mineiras. Com isso, **o eixo da economia e da administração do Brasil se deslocou** da região açucareira do Nordeste **para o centro-sul**. A lavagem de ouro era praticada por negros escravizados a partir do cascalho colhido em córregos. Todo ouro encontrado tinha que ser tratado na Casa Real de Fundição, onde era transformado em barras para os proprietários; sendo um quinto reservado ao Rei. O apogeu do ouro ocorreu em meados do século XVIII, depois, os rendimentos entraram em declínio. Foi intensificada então a extração em minas, por meio de furos e buracos nas montanhas. Da mesma forma foram exploradas as minas de ferro, sendo que, segundo Spix e Martius, “o minério de ferro existe em Minas Gerais em tal quantidade, que seria suficiente para abastecer o Brasil inteiro durante séculos”.

De Ouro Preto, eles viajaram até o **Distrito Diamantino**, para o Arraial de **Tijuco**, atual cidade de **Diamantina**, que era então “um dos arraiais mais florescentes do Brasil”. Tijuco/Diamantina deveu sua origem e prosperidade à existência dos diamantes, descobertos ali no início do século XVIII. No garimpo do Curralinho, Spix e Martius foram conhecer o procedimento de lavagem dos diamantes. Sobre cada escravo que lavava diamantes era cobrado um imposto anual per capita. Frequentemente, os contratadores trabalharam com um número muito maior de escravos do que tinham declarado. Dessa forma, observam os viajantes, “um sistema de corrupção se estendeu de Minas Gerais pelo Brasil inteiro”. Nos arredores de Diamantina continuam existindo garimpos até os dias atuais.

A fisionomia de **Salvador da Bahia**, que tinha sido a capital da colônia até 1763, era marcada por fortificações e pela diferença entre a *Cidade baixa*, onde se desenvolvia um agitado comércio, e a *Cidade alta*, onde estavam a Catedral, o Teatro e lojas com lapidários e joalheiros. A população de Salvador era de 115.000 habitantes; incluindo a do Recôncavo, chegou a 200.000. Quanto à **estrutura social**, no topo estavam “os brancos”: os donos de fazendas e engenhos e do grande comércio; em baixo estava “a gente de cor”: mestiços e negros. Salvador era “**a mais rica praça comercial do Brasil**”. Pelas estradas chegaram do interior grandes contingentes de gado. No porto, os navios descarregaram mercadorias da Europa e embarcaram produtos brasileiros de exportação: açúcar, algodão, tabaco e couro. Salvador era também a principal praça do **tráfico de escravos**: anualmente cerca de 50.000 pessoas eram levadas da África para o Brasil. Na **cultura local**, o ponto culminante era a Festa do Nosso Senhor do Bonfim. Nas ruas juntam-se, então, as diversas raças e classes sociais, e “o espectador, como num espelho mágico, vê passar representantes de todas as épocas, de todos os continentes, de toda a história do gênero humano”.

O primeiro contato de Spix e Martius com a Amazônia se deu na cidade de **Belém**, capital da província do Pará e localizada estrategicamente no delta do Rio Amazonas. Na **topografia** de Belém, destacam-se o Forte do Castelo, local de fundação da cidade, em 1616, a Catedral da Sé, o bairro do Comércio com o mercado Ver-o-Peso, e a Igreja das Mercês, com o prédio da Alfândega. O antigo predomínio dos edifícios religiosos foi substituído, nas últimas décadas, pela crescente verticalização dos prédios de apartamentos. A **população** de Belém, em 1818, era de 24.500 habitantes; a da província do Pará, de 68.000, à qual se somaram 160.000 índios. A **sociedade** era dividida em três classes: no topo, a burguesia, constituída de brancos; no meio, os mestiços, que moravam sobretudo nos arredores da cidade; e em baixo, os negros e os índios “mansos”. Os **produtos comerciais** provinham das plantações – açúcar, cacau, algodão – e das colheitas na selva: castanhas, óleo de copaíba, cravos, canela, guaraná, fibras de piaçaba e madeiras. Spix e Martius registraram também a **produção de borracha**, mas era ainda incipiente; em grande escala ela aconteceu a partir da década de 1870. O período áureo, a *Belle Époque*, que durou até 1912, deixou vários legados arquitetônicos, como o Teatro da Paz e a loja de departamentos Paris n’América. Na **cultura popular** destacam-se as festas juninas, com desfiles de boi-bumbá e encenações de “pássaro junino”. Este ritual foi inspirado também pelas máscaras usadas pelos indígenas, como no préstito festivo do povo Tecuna, documentado por Spix em Tabatinga.

Subindo pelo rio Amazonas, Spix e Martius chegaram à **Fortaleza da Barra (Manaus)**, fundada em 1669. A vila era o centro comercial e a capital da província do Rio Negro, e também o quartel-general das tropas para as fortificações nas fronteiras com a colônias espanholas, onde surgiram os primeiros sinais das lutas pela independência. Os **produtos comerciais** da província eram idênticos aos do Pará. O **número reduzido da população** – menos de 3.000 habitantes na vila e apenas 15.500 em toda a província – foi um sério entrave para o desenvolvimento. A situação melhorou a partir do **período da borracha**, que deixou como maior ícone arquitetônico o Teatro Amazonas. Em seguida houve um **período de declínio**. Mas a partir da década de 1960, **Manaus retomou o crescimento**, com a criação da **Zona Franca**, em 1967, e do **Distrito Industrial**, onde estão instaladas grandes empresas eletrônicas. Atualmente a cidade tem mais de dois milhões de habitantes. Contudo, uma grande parte da população continua vivendo em condições precárias, como mostram as nossas fotos das palafitas, na periferia de Manaus.

Antes de reembarcar, em 14 de junho de 1820, de Belém para a Europa, **Spix e Martius despediram-se do Brasil com estas palavras**: “Esplêndidas são as disposições naturais deste grandioso país, para cujo bem concorre a mistura das raças”. Vem ao caso relembrar, a esse respeito, que a importância da miscigenação foi destacada por Martius no seu ensaio de 1845 “Como se deve escrever a história do Brasil”.

Para concluir esta apresentação do retrato do Brasil em Spix e Martius, vou focalizar **três tipos de problemas** que eles apontaram e que continuam sendo **desafios** para este país.

Em primeiro lugar: as **extremas desigualdades sociais**, que eles testemunharam nas cidades e em vários lugares do interior. O pior de tudo foi a **escravidão**. Ela foi abolida, mas **a segregação social persiste**, como se percebe claramente na **fisionomia das moradias**. Como exemplo, podemos comparar, em Belém, o bairro mais valorizado da cidade com um bairro típico da periferia. Ali, numa escola do bairro de Terra Firme, tivemos um encontro com professores e alunos. Numa das entrevistas para o nosso filme, o professor Waldinei do Carmo de Souza disse: “As periferias ocupam um espaço muito grande no cenário global, nas cidades brasileiras e também em Belém. Mas as periferias são marginalizadas pelo poder público. Aqui em Terra Firme, por exemplo, há uma grande falta de infraestrutura e de políticas sociais. A população da periferia precisa ser valorizada. Aqui tem cultura e um grande potencial criativo”. Um desafio que se coloca para o Brasil inteiro é este: Como aumentar as chances para os alunos da periferia conseguirem ingressar na Universidade e de obter um lugar no mercado de trabalho?

Um segundo problema são **a discriminação e as ameaças sofridas pelos indígenas**. Dos povos que Martius pesquisou ao longo do rio Japurá, quase nenhum sobreviveu. A colonização, como ele constatou, causou um despovoamento brutal. As principais causas foram a caça aos escravos, as epidemias trazidas pelos europeus e as guerras de extermínio. Na obra de Martius coexistem duas visões antagônicas quanto aos indígenas. No seu relato de viagem, a avaliação é eurocêntrica e discriminatória; mas no romance *Frey Apollônio*, escrito em 1831, e publicado somente em 1992, ele faz uma revisão autocrítica. No final dessa narrativa, o protagonista Hartoman (*alter ego* do viajante Martius) acaba se identificando com “a raça índia” e declara que ela é “carne da minha carne e espírito do meu espírito”. Ao longo desse romance, Martius também dá a voz a diversos representantes dos povos indígenas. No Brasil atual, os indígenas continuam sendo discriminados, como ouvimos nas entrevistas com duas lideranças, em 2019 em Manaus. A cacique Socorro, do povo Kokama, disse: “Até hoje, continuamos sendo discriminados como ‘índios’, O governo atual do Brasil quer tirar as nossas terras”. E a líder Maria, do povo Karapana, completou: “Nós, indígenas, estamos constantemente em situações de conflito, principalmente quanto à posse da terra. Sofremos discriminação, pressões e ameaças”.

O terceiro problema é **a questão ambiental**. Numa gravura, Martius registrou uma queimada de campos no oeste de Minas Gerais; esse era o método tradicional usado por indígenas e sertanejos de preparar os campos para o cultivo. Um outro tipo de ameaça ao meio ambiente é a mineração excessiva, como Spix e Martius advertiram durante sua estadia em Ouro Preto. A advertência foi premonitória, como mostraram os desastres ambientais ocorridos em 2015 em Mariana e em 2019 em Brumadinho. Martius defendeu

a ideia de que é necessário chegar a um **equilíbrio entre o progresso da civilização** (avanço da agricultura e da mineração) e **a preservação da natureza**.

Esse problema coloca-se hoje em dia, **de forma dramática, na Amazônia**. Em 2019, resolvemos percorrer a BR-163, a “Estrada dos Grãos”, entre Santarém e Cuiabá (cerca de 1.800 km), por onde os produtos do agronegócio são transportados por inúmeros caminhões até o porto de Santarém. As fotos que tiramos ao longo da estrada mostram: a floresta desmatada, para criar um campo de cultivo; um pasto de gado e, no fundo, uma fumaça de queimada da floresta; e um mapa que documenta como a floresta está sendo cada vez mais destruída ao longo dessa rodovia. O professor de geografia João Márcio Palheta (UFPA, Belém) comentou esse processo de destruição: “Os povos da Amazônia não sobrevivem do agronegócio nem da mineração. Eles sobrevivem da floresta. Eles precisam que essa floresta fique em pé. **O modelo de desenvolvimento que temos hoje é pautado sobretudo no desmatamento**. Esse modelo é predatório para o desenvolvimento. Vai criar um problema muito grave entre os sujeitos cuja sobrevivência depende da floresta e as grandes empresas que vêm para explorar. A tendência é acirrar esses conflitos, e aí nós teremos um caos ambiental e social na Amazônia”.

Um contraponto à destruição da Floresta **são as pesquisas ambientais**. Uma instituição exemplar nesse campo é o Observatório ATTO (Amazon Tall Tower Observatory), criado numa cooperação entre o Brasil e a Alemanha, e localizado a 160 km a nordeste de Manaus, no meio da Selva. O meteorologista Stefan Wolff explica a função desse observatório: “A principal proposta do projeto ATTO é estudar as relações entre a floresta e a atmosfera. Praticamos a ciência do sistema terrestre, isto é, uma pesquisa interdisciplinar que conecta meteorologia, química do ar e biologia. Queremos mostrar para a sociedade qual é o papel da Floresta Amazônica”. Durante a nossa estadia no ATTO, subimos os 325 m até o topo da torre, que é a torre de pesquisa mais alta do Mundo. De lá de cima tivemos uma vista esplêndida sobre a floresta intacta. Terminei este retrato do Brasil com esta imagem, fazendo votos que este patrimônio que a natureza entregou à humanidade seja preservado.